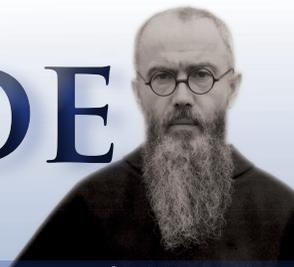




A CIDADE

MENSAGEIRO DE FÁTIMA



Publicação Bimestral | Ano XXXVII - Nº 5 | setembro - outubro de 2024 | Assinatura anual: 6,00€



A CIDADE

MENSAGEIRO DE FÁTIMA

MISSÃO DA IMACULADA

Ano XXXVII- Nº 5

SETEMBRO - OUTUBRO de 2024

Fundador:

Aureliano Dias Gonçalves

Directora:

Chryсна Dela Cerna Rodriguez



Propriedade e Edição

«Cidade do Imaculado Coração de Maria»

NIPC: 501 709 223

Redação e Administração

Travessa São Maximiliano, 48 - Ap. 86

2496-908 Fátima

Tel.: (00 351) 249 531 146 • Tlm.: 925 795 003

(Chamada para a rede fixa nacional)

(Chamada para a rede móvel nacional)

email: editora@cidadedoimaculado.com

site: www.cidadedoimaculado.com

Capa: Nossa Senhora de Fátima

Impressão: Indugráfica, Lda

Tiragem: 1000 ex.

Depósito legal n.º 13262786

Isenta de registo ERC ao abrigo do

decreto regulamentar 8/9 do 9

do 6 art.º 12.º, n.º1 a)

Publicação Bimestral

SUMÁRIO

FÁTIMA, UMA LUZ SOBRE O MUNDO

Estrelas e Flores.....3

SÃO MAXIMILIANO M. KOLBE

Crise de vocação:
um cavaleiro de burel 4

PADRE PIO DE PIETRELCINA

Palavras de Luz 6

CATECISMO

Quarto Mandamento (Parte I)
Honrar Pai e Mãe..... 7

ESPIRITUALIDADE

Agradecimento é uma virtude rara 9

NOSSA SENHORA

O milagre do Sol.....10

PARA RECEBER O NOSSO JORNAL «A CIDADE» E SOLICITAR AS NOSSAS PUBLICAÇÕES

Tlf.: 249 531 146* • Tlm.: 925 795 003**

e-mail: editora@cidadedoimaculado.com

site: www.cidadedoimaculado.com

*(Chamada para a rede fixa nacional)

** (Chamada para a rede móvel nacional)

Horário de atendimento:

segunda a sábado

das 9:00 - 12:30 e 16:00 - 18:00,

na livraria ou por telefone

*Para ofertas através do banco:

NIB: PT50.0033.0000.50033638483.05 - (Millennium BCP)

NIB: PT50.0035.0304.00003054930.89 - (Caixa Geral Depósitos)

*Cheque ou vale Postal: Cidade do Imaculado Coração de Maria

Caso faça o pagamento da assinatura por transferência Bancária, agradecemos que nos informe por telefone ou via e-mail editora@cidadedoimaculado.com



Estrelas e Flores



É condão das almas bem dotadas e nobres amar o que é grande e belo, extasiar-se ante as maravilhas com que a Omnipotência de Deus polvilhou os espaços. Assim era a alma tão delicada da Jacinta.

«A pequena – prossegue sua prima – gostava também muito de ir à noitinha para uma eira que tínhamos em frente da casa, ver o lindo pôr do sol e o céu estrelado que se lhe seguia; entusiasma-se com as lindas noites de luar.

Porfiávamos a ver quem era capaz de contar as estrelas, que dizíamos ser as candeias dos Anjos. A lua era a de Nossa Senhora e o sol a de Nosso Senhor. Pelo que a Jacinta dizia às vezes:

– Ainda gosto mais da candeia de Nossa Senhora, que não nos queima nem cega e a de Nosso Senhor, sim.

Na verdade, o sol, aí, em alguns dias de verão, faz-se sentir bem ardente e a pequenita como era de compleição muito fraca, sofria muito com o calor.»

Francisco preferia o astro-rei. Tornava-se até defensor e apologista da «candeia de Nosso Senhor».

«– Nenhuma candeia é tão bonita como a de Nosso Senhor, dizia ele à Jacinta, que gostava mais da de Nossa Senhora porque, dizia ela, não lhe faz doer a vista.»

As flores encantavam também a sua pequena irmã, a mais bela flor que desabrochou nos jardins de Fátima.

Que belos são estes factos na sua singela simplicidade! Sentimo-nos bem ao aspirar o perfume das flores deste jardim imaculado, tão alheio da refinada podridão e malícia do mundo. □

(In, Fernando Leite,
S. J, *Jacinta a Florinha de Fátima*)





Crise de vocação: um cavaleiro de burel

Raimundo gostava imenso de fazer planos estratégicos. Um dia, num jardim público esboçou um projecto de fortificações que tornariam Lwow/Lemberg inexpugnável. Tinha inventado um jogo em que não havia ninguém que fosse capaz de o acompanhar: com pedaços de pau fez uma série de peões, as suas unidades estratégicas, e durante horas dispô-los num complicado xadrez, fazendo lutar dois exércitos invisíveis.

Um dia, durante uma manobra extremamente delicada, um irmão veio, brutalmente, escangalhar o campo de batalha. Raimundo corou de fúria, vieram-lhe as lágrimas aos olhos, mas soube dominar-se e não disse nada. Que força de carácter para um rapaz de quinze anos! Embora infantil nas suas brincadeiras, não deixará de surpreender pela sua precoce maturidade.

Raimundo tinha, sem dúvida, nas veias sangue de soldado e manifestava uma atracção marcada para a vida militar. «Se não tivesse entrado no convento, declara um dos seis companheiros de escola, certamente teria vindo a ser um estratega ou um inventor de génio.»

É neste momento que se situa a sua segunda crise moral.

Acabava de fazer dezasseis anos e era

o momento de decidir se, sim ou não, entraria no noviciado. Raimundo hesitava. Na sua grande simplicidade, julgava poder harmonizar perfeitamente o ofício de soldado com o de cavaleiro totalmente devotado à Rainha do seu coração! Coisa significativa: esta crise moral não era por forma alguma uma crise dos sentidos. Já no seu coração de criança ele sonhava com conquistas imensas; não serão, porventura, soldados todos os conquistadores? Como religioso, seria ele capaz de proezas semelhantes? Decidiu procurar o padre provincial e dizer-lhe que não ficava, pois não sentia vocação. Uma vez mais intervém a Providência. No momento exacto em que se dirigia ao padre provincial, chamaram-no ao locutório. Era a mãe que, muito comovida, vinha dar-lhe uma grande notícia: depois dos dois filhos mais velhos, o terceiro, José, também optou pela vida religiosa. E os pais tinham, por sua vez, decidido entrar em religião, seguindo assim uma tradição antiga e que cada vez mais se afirmava. O pai tinha ficado em Cracóvia nos franciscanos e ela vinha a Lwow/Lemberg para entrar nas beneditinas. Desta forma toda a família ficaria consagrada a Deus.

Esta notícia teve em Raimundo o efeito de um raio. Como confessar

num momento desses os seus projectos? Seria a vontade de Deus o que ele queria? Não estaria ele a cair numa tentação? De repente os seus olhos abriram-se; sentiu-se à beira de um precipício. Logo que a mãe saiu, correu como uma flecha à procura do padre provincial e, ainda ofegante, pediu o hábito. Toda a sua vida se há-de lembrar deste incidente memorável que decidiu da sua vocação. Nove anos depois voltará a falar dele, em carta de Roma para a mãe.

Havemos de ver que a graça, qual hábil jardineiro, não cortou estes anseios e estes talentos, senão para lhes dar novo e mais belo desenvolvimento. Na sua vida maravilhosa, Raimundo terá por mais que uma vez o ofício de soldado, de cavaleiro, de chefe e há-de morrer mártir de guerra. De momento, o conhecimento do futuro estava-lhe vedado. Somente se lhe pedia uma coisa: sacrificar tudo. Fál-o de boa vontade, mas com o coração a sangrar.

A sua entrada no noviciado foi seguida de uma prova bem dura: durante alguns meses esteve exposto a verdadeiras vagas de escrupulos, terrível doença da alma que mais o radicou ainda na obediência, que é para tal o único remédio. O seu companheiro de noviciado, irmão Bronisias, mais velho do que ele e que compartilhava a mesma cela, foi encarregue pelo padre-mestre de o ajudar. Cem vezes por dia o pobre noviço vem submeter-lhe os seus «casos de consciência» e «obedece cegamente». Esta obediên-

cia heróica salva-o; a tempestade passa a volta o bom tempo, isto é, a tranquilidade da sua alma. mas adquiriu experiência e mais tarde será de uma paciência infinita para com os escrupulosos.

O noviciado serve para fazer substituir o velho homem pelo homem novo: Morreu Raimundo, nasceu Maximiliano.

Em 1911 fez votos temporários. No Outono de 1912, os seus superiores, atendendo à sua capacidade excepcional, decidiram enviá-lo para Roma, estudar na Universidade Gregoriana. Seria natural que ficasse contente. Todavia não foi assim: com lágrimas nos olhos, pediu ao padre provincial para o riscar da lista. o Provincial, embora admirado, acedeu. Mas a noite é boa conselheira. Frei Maximiliano pergunta a si próprio angustiado, se quer fazer a sua vontade em vez da vontade de Deus, manifestada nos desígnios dos seus superiores. Não valerá mais pena abandonar-se cegamente e limitar-se a obedecer? Procurou de novo o Provincial, declarando-se disposto a partir e voltou a figurar na lista. Chegou ele a Roma em 10 de Novembro de 1912. □

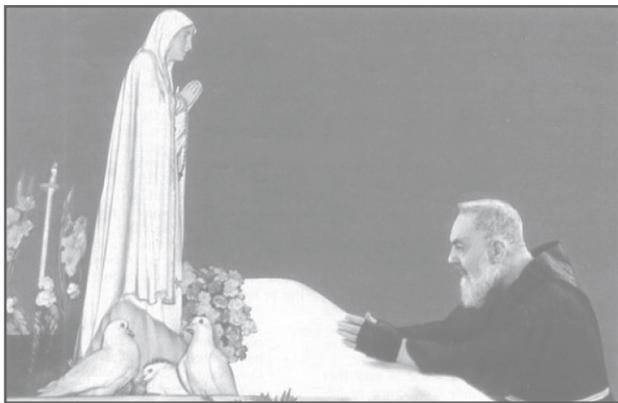
*In, Maria Winowska,
Maximiliano Kolbe o louco de Nossa Senhora,
Cidade do Imaculado Coração de Maria*



Palavras de Luz

Quantas vezes confiei a essa Mãe as dolorosas ânsias do meu coração perturbado! E quantas vezes me consolou! Mas qual foi o meu reconhecimento?... Nas maiores aflições, parece-me não ter mais mãe na terra, mas ter uma no céu, muito piedosa. Mas quantas vezes o meu coração estava calmo, e aí esqueci quase tudo; quase esqueci, até os deveres de gratidão para com essa bendita Mãezinha do céu!... O mês de maio para mim é o mês de graças.

Aqui está finalmente de volta o mês da bela Mãezinha... Essa cara Mãezinha continua a dispensar-me cuidadosamente os seus desvelos maternos, sobretudo neste mês. Os seus cuidados para comigo chegam ao requinte... O que fiz para merecer tanta delicadeza? A minha conduta não terá sido, por acaso, um desmentido contínuo, não digo do seu Filho, mas mesmo do nome de cristão? No entanto, essa Mãe afetuosíssima, em sua grande misericórdia, sabedoria e bondade, quis punir-me de maneira muito sublime, derramando no meu coração tantas graças que, quando me encontro



na sua presença e na de Jesus, sou obrigado a exclamar: “Onde estou? Onde me encontro? Quem é que está perto de mim?” Sinto-me queimar, inteiro, sem fogo; sinto-me muito próximo e ligado ao Filho por meio dessa Mãe, sem nem mesmo ver as cadeias que me mantêm tão estreitamente próximo; mil chamuscas me consomem; sinto-me morrer continuamente e, no entanto, sempre vivo.

Sou muito agradecido à Nossa Mãe comum, Maria, por repelir essas armadilhas do inimigo. Agradeça, também o Senhor, a essa boa

Mãe, por tais graças especialíssimas que em todos os momentos me vai obtendo; no entanto, sugira-me um novo meio para que eu possa ser totalmente agradável a essa bendita Mãe. O maior sinal de amor que o Senhor me poderá demonstrar será exatamente que eu saiba que também o Senhor agradece por mim a Nossa Senhora. □



Quarto Mandamento (Parte I) Honrar Pai e Mãe

A Família

Os três primeiros mandamentos constituem a primeira tábua da lei, a qual afirma o primado de Deus e do seu amor. O quarto mandamento abre a segunda tábua da lei, que abarca o âmbito da família bem como toda a sociedade, convidando a respeitar tanto os pais, como aqueles a quem, por várias formas e para o nosso bem, Deus deu a sua autoridade.

O quarto mandamento, Honrar Pai e Mãe, ordena-nos que respeitemos, depois de Deus, os nossos pais, e todos aqueles que Deus, para nosso bem, revestiu de uma qualquer autoridade (CIC, n. 2197).

Este quarto mandamento dirige-se sobretudo aos filhos, mas implicitamente diz respeito a qualquer pessoa que esteja submetida a uma autoridade legítima. Além disso, implica e subentende os deveres dos pais, tutores, docentes, chefes, magistrados, governantes e de todos aqueles que exercem uma autoridade sobre os outros ou sobre uma comunidade de pessoas (CIC, n. 2199).

É vontade de Deus que o homem não viva isolado, mas em sociedade, e precise dos outros homens. A primeira sociedade humana é a família, que o próprio Deus criou. “Um homem e uma mulher unidos em matrimónio formam, juntamente com os filhos, uma família” (CIC n. 2202).

A família é a “sociedade natural em que o homem e a mulher são chamados a doar-se ao amor e à vida” (CIC n. 2207). Já antes do advento do Cristianismo, as sociedades mais variadas reconheciam a família como fundamento necessário da vida social. Como tal, a família prescinde de qualquer reconhecimento por parte da autoridade pública: impõe-se a si própria. Ela vem logicamente primeiro que o Estado (CIC n. 2202). O Estado não se pode substituir à família, mas deve respeitá-la, protegê-la e ajudá-la sob todas as formas, dado que dela depende a estabilidade ou instabilidade social (CIC n. 2210).

Os elementos naturais, sem os quais uma família não pode subsistir, são a unidade, a indissolubilidade, o consenso dos esposos, o bem dos cônjuges e a procriação e educação dos filhos. Deus esculpiu-os

no coração do homem (CIC n. 2201).

O matrimónio celebra-se entre um só homem e uma só mulher. Deus criou o primeiro casal humano, Adão e Eva e uni-os em matrimónio. Ele dispôs uma só mulher ao lado de um só homem (Gn 2, 20-23).

É exigência do amor conjugal querer bem a uma pessoa, a uma só pessoa. O amor esponsal autêntico implica a escolha de uma pessoa a quem doar-se com a exclusão de todas as outras. Isto leva a evitar a bigamia, a poligamia e toda a infidelidade, seja de olhares como de sentimentos e de ações.

O casamento celebra-se entre um homem e uma mulher que querem amar-se para sempre. Deus disse: “Por isso o homem deixará pai e mãe e unir-se-á à sua mulher e os dois serão uma só carne” (Gn 2, 24). Aos fariseus que o interrogavam a respeito do repúdio permitido pela Lei de Moisés, Jesus disse: “Portanto o que Deus uniu, o homem não deve separar. [...] Moisés permitiu o divórcio, porque sois duros de coração. Mas não foi assim desde o início.” (Mt 19, 6.8). É exigência típica do amor conjugal querer bem a uma só pessoa, e a uma só pessoa para sempre. Não se pode amar de maneira condicionada, até um certo tempo, por seis meses ou seis anos. O amor esponsal (amor formado) não admite o teste, a experimentação, por oposição ao namoro (amor em formação). Isto leva a excluir o divórcio, isto é, à rutura do vínculo matrimonial.

Isto não significa obviamente que a cer-

ta altura da vida conjugal os relacionamentos não possam estar mal; se se chega a essa situação, isso não depende do amor, que possui a psicologia do para sempre, mas decorre da não educação recíproca e continua do amor, de um amor não verdadeiro.

O casamento celebra-se entre um homem e uma mulher que querem amar-se, não de modo egoísta, mas de modo fecundo. Os filhos são, aliás, o precioso fruto do matrimónio e contribuem para o próprio bem dos pais. Os pais são cooperadores do amor de Deus Criador. Deus abençoou o homem e a mulher dizendo: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra; dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra” (Gn 1, 28).

A família é o fundamento da sociedade. De facto, é a família que gera os seres humanos para a sociedade (CIC n. 2207-2213).

A família é a escola de virtudes humanas e cristãs: marido e mulher aprendem a ser adultos, respeitando a “palavra dada”, para sempre; os filhos são treinados a exercitar a liberdade, a obediência; a cuidar dos doentes, idosos, pobres; a praticar a paciência, a amar (CIC n. 2207) (ou até a fazer exatamente o contrário).

A família é, portanto, também o termómetro da vida social. A crise dos valores na sociedade deve-se à crise na família. Cada ataque à família é um ataque à sociedade (divórcio, adultério, aborto, contraceção, etc.). ◻

Nota: CIC – Catecismo da Igreja Católica



Agradecimento é uma virtude rara



Sim, a gratidão é uma virtude rara. O nosso egoísmo e orgulho fazem-nos perder a consciência da vida que temos, para com Deus e para com o próximo. Ficamos presos no consumismo que domina a nossa sociedade e nunca ficamos satisfeitos; mesmo tendo recebido muito, queremos receber cada vez mais e há sempre alguma coisa que nos falta. Fechados dentro das paredes da nossa auto-suficiência, pensamos que não precisamos de ninguém.

Esquecemos que recebemos tudo, nada é nosso! Tudo o que somos e temos vem de Deus. Tudo recebemos das Suas mãos, através das mãos dos nossos pais e de tantas outras pessoas que se sacrificaram por nós. A ingratidão mantém-nos fechados dentro das paredes da nossa auto-suficiência e nunca ficamos satisfeitos.

Reflitamos agora. Basta só um exemplo: como é que pagamos aos nossos pais por nos terem dado a vida e alimentado, por terem providenciado os nossos estudos e se terem sacrificado por nós, a fim de nos dar tudo, sem que nada nos faltasse?

O senso do direito e da posse faz-nos perder a consciência dos dons que recebemos e da necessidade de agradecer. É por isso que as pessoas lutam

pelos seus direitos e nunca agradecem, nem se colocam de joelhos diante do Senhor para Lhe dizer «**obrigado**».

Todos ficamos indignados com a história dos dez leprosos, pois Jesus curou a todos, mas só um voltou atrás para Lhe agradecer. E nós, que fomos tantas vezes abençoados por Deus, porque é que não voltamos para Lhe agradecer?

Tudo é dom de Deus. Tudo recebemos das Suas mãos. Quem disser que ganhou alguma coisa, que a comprou com o seu dinheiro, com o seu trabalho, esquece-se que foi Deus que lhe deu saúde, inteligência e força para o conseguir. Esqueceu-se de que tudo é dom de Deus. A vida é dom de Deus. Tudo o que temos é dom de Deus, mesmo quando o ganhamos com o nosso trabalho. □

Pe. Leone Orlando

«Agradecer, a Oração do Amor»

ed. Cidade do Imaculado Coração de Maria



Deo gratias!

*Recebemos as seguintes ofertas,
que muito agradecemos*



Gertrudes Gonçalves Velez, 25,00€;
Maria de Lourdes Pereira, 6,00€; José Dias Duarte, 6,00€ ;
João Paulo Pimenta, 6,00€; Maria Armandina
Salgado, 20,00€; Pe. João Nuno de Pina Pedro, 20,00€;
Maria Rosa do Rio Espinheira Melo, 10,00€;
Manuela Taveira, 20,00€; Manuela Taveira, 100,00€;
Maria Olga Medeiros, 6,00€; Maria José Martins, 6,00€;
Marta Sofia dos Santos, 6,00€; Jorge Almeida, 6,00€

*Todos os meses é celebrada uma Santa Missa
pelas intenções dos benfeitores.*



Ajude-nos a divulgar a nossa revista "A CIDADE"

A revista «A Cidade» só pode ser enviada até junto de vós, mediante o pagamento prévio. Lembramos que esta revista só é sustentada através das assinaturas e respectivo pagamento, tal como pela oferta de alguns benfeitores.

Assinatura anual da revista «A Cidade»: 6,00€uros por ano, pagos até Março.

Agradece-se:

Informação por telefone, via CTT ou e mail (editora@cidadedoimaculado.com), quando:

- **fizer pagamento por transferência bancária (enviar comprovativo)**
- **atualização de novo endereço postal.**

**Fazemos um forte apelo aos nossos caríssimos Leitores,
Divulguem «A Cidade» junto dos vossos familiares, amigos, grupos de oração e Comunidade(s) Paroquial(ais)!**

**Gratos a cada um, pedindo a DEUS que vos abençoe
imensamente por Maria Santíssima!**

A Medalha Milagrosa

**Verdadeiro e
proprio estandarte
e arma para o
apostolado de
São Maximiliano
Maria Kolbe**



**Medalha com pagela
OV40cm
Preço: 2,00€**



**Medalha com pagela
OV30cm
Preço: 1,50€**



Preço: 0,75€

**Carteirinha com Medalha
Milagrosa Plastificada**

**Todas as pessoas que
tiverem consigo esta
Medalha receberão
grandes graças.
As graças serão mais
abundantes para as
pessoas que a trouxerem
com confiança.**